

# Inveja primária: questões essenciais

Eliane Michelini Marraccini  
Luís Cláudio Figueiredo

Resenha de Priscilla Roth e Alessandra  
Lemma (orgs.), *Revisitando “Inveja  
e gratidão”*, São Paulo, Blucher, 2020, 384 p.

A publicação de *Envy and Gratitude revisited* pela Karnac em 2008, inspirada no emblemático texto de Melanie Klein *Inveja e gratidão* de 1957, reuniu autores destacados em torno da noção de inveja primária e sua interrelação com a gratidão. Traduzida pela Blucher, essa coletânea apresenta ao leitor a complexidade e fecundidade da importante noção de inveja primária que, pela ênfase na destrutividade e constitucionalidade, foi representativa de mudanças em relação às concepções iniciais do pensamento kleiniano.

Com abordagem das implicações teórico-clínicas e levantamento de questões essenciais, os vários autores reconhecem o valor do texto original kleiniano, mas também problematizam e ampliam perspectivas. Apresentam ilustrações clínicas importantes e interessantes reflexões sobre clássicos da literatura, destacando a interdependência de elementos que se compõem na dinâmica intrapsíquica e intersubjetiva.

Inicialmente, para o leitor acompanhar as contribuições propostas, cabe retomarmos o que

foi descrito por Klein. Para ela, a inveja primária consiste na mais radical expressão da pulsão de morte, produzindo fantasias de ataques sádicos orais e anais dirigidos ao seio materno, que visam espoliar e depositar maldade neste objeto primário. Como fonte original da vida e criatividade, o seio materno é atingido destrutivamente, embora o bebê dependa essencialmente dessa relação objetal primária para constituição do bom objeto, para consistente edificação egoica e sólida estruturação do *self*. Circunstância que aponta para o paradoxo da destruição emergindo na direção do que traz vida e representa *Eros*, aspecto central da noção de inveja primária.

O bebê inicialmente idealiza o seio como continuidade de si, porém, quando confere ser o seio o detentor do leite, representante simbólico de vida e criatividade, emergem sentimentos de inferioridade, e tal condição de dependência é vivida como humilhação narcísica. A inveja seria reflexo da ânsia do bebê pela restauração do universo narcísico pré-natal. É impulsionado intenso ódio em relação ao objeto, o que solapa as raízes dos sentimentos de amor e gratidão, afetando a relação primordial com a mãe, matriz de todas as relações objetais internas e externas.

Desde o início, a noção de inveja primária despertou controvérsias, dada a ênfase atribuída à destrutividade constitucional. Para alguns, a inveja seria uma reação à punição impetrada pelo objeto, o que a destaca como reação defensiva e reduz substancialmente o peso da constitucionalidade que vislumbrou Klein.

Esta visão perdura entre alguns contemporâneos como Lemma, que se pergunta se a inveja reativa do bebê diante do seio que priva seria distinta da inveja derivada do instinto de morte. Em nosso entender, seriam efetivamente tipos distintos de inveja ou apenas desdobramentos e encaamentos do mesmo processo? Esta condição nos parece mais apropriada e pertinente.

Há aqueles que questionam a anterioridade do surgimento da inveja e consideram ser necessária a diferenciação entre sujeito e objeto para emergirem angústias relativas à dependência do

**Eliane Michelini Marraccini** é pós-doutoranda na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do curso Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

**Luís Cláudio Figueiredo** é psicanalista, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

objeto e ao narcisismo ferido, determinando seu aparecimento um pouco mais tarde. Com visão interessante, Lemma sugere a possibilidade de momentos fugazes de diferenciação entre sujeito e objeto para o deslanchar da problemática da inveja primária e para o emergir da gratidão no bebê. Trata-se de descrição coerente com o pensamento kleiniano, que propõe articulações dialéticas entre aspectos aparentemente contrapostos, como, por exemplo, momentos fugazes de integração na posição esquizoparanoide e relações objetais narcísicas.

A inveja seria uma expressão direta dos impulsos destrutivos como pretendia Klein, ou o seu despertar é que mobilizaria impulsos sádicos como o espoliar, envenenar, estragar e triunfar sobre o seio, manifestações estas da pulsão de morte, como prefere Feldman? Esta distinção conceitual merece consideração se visarmos à metapsicologia da inveja, porém, uma vez intimamente atrelados o surgimento da inveja e os impulsos sádicos que têm lugar, pensamos que a ênfase original na noção da inveja está exatamente em ser ela expressão da pulsão de morte e a destrutividade ser dirigida ao seio. Se a inveja ficar destituída desta característica essencial, não estaria sendo alterado o conceito? E, sobretudo na clínica, pensamos não ser esta distinção que promoveria significativa diferença.

Mais próximo à essência do conceito original, Fonagy considera que os ataques invejosos são qualitativamente diferentes de outros tipos de interação agressiva, uma vez que refletem tanto familiaridade como antipatia em relação ao objeto invejado, portanto amor e ódio essencial e paradoxalmente reunidos. Destaca a dinâmica empreendida pela inveja, em especial as múltiplas defesas que dispara, entre elas defesas narcísicas de idealização e desvalorização. Com propriedade, ressalta que o desejo oculto de aniquilação pode nascer da admiração ao objeto, a aniquilação sendo expressão da pulsão de morte, mas também defesa contra a experiência invejosa do objeto. Com isto, o autor dá relevo a aspectos que merecem maior atenção na clínica, uma vez

que podem encontrar-se encobertos e inacessíveis, e assim podem permanecer se não forem alvo de maior investigação.

Enfatizando os fatores internos para o emergir da inveja exacerbada, Fonagy e Erlich seguem na esteira de Klein e defendem a destrutividade constitucional, ao passo que outros privilegiam a participação negativa do objeto primário para a inveja tornar-se patológica. Pensamos serem fatores que se somam e não excludentes. Em contrapartida, um objeto primário acolhedor e responsivo às angústias do bebê seria determinante para a superação da perturbação promovida pelo emergir da inveja, o que em nosso entender, e para a grande maioria dos estudiosos do pensamento kleiniano, é ponto essencial para o bom curso do desenvolvimento.

A inveja da mãe atuando negativamente no psiquismo do bebê seria agravante para a não superação das angústias sofridas, destacaram Brenman-Pick e Guignard. Esta última considerou ainda que a criança pode manter em segredo qualquer progresso em seu desenvolvimento, de modo a não entrar em conflito com o amor que nutre pela mãe invejosa. Nestas circunstâncias, o narcisismo básico se constituiria com extrema fragilidade e se transmitiria para as gerações subsequentes.

Lemma vai mais adiante, com seu intrigante estudo sobre a transmissão transgeracional da ausência de uma figura interna de mãe que fornece nutrição psíquica, reverberando internamente no ódio alimentado por jovens mães em relação a seu próprio bebê, por senti-lo como objeto hostil que as priva de *ter a própria vida*. Por não terem sido originariamente acolhidas e perdoadas em sua destrutividade, estas jovens mães permanecem identificadas com o superego cruel e promovem a retaliação em direção a seus bebês. Importante perspectiva a ser pensada, especialmente em seus reflexos na subjetividade e na relação transferencial que possa se estabelecer.

É oportuno lembrar que a interação de fatores internos e externos sempre foi considerada no pensamento kleiniano, embora nem todos os que

o criticam levem isto em conta. Brenman-Pick e O'Shaughnessy resgatam apropriadamente esta interação para a constituição de inveja patológica. Nesta esteira, consideramos que apenas a natureza da experiência vivida no interjogo transferência-contratransferência pode sugerir a identificação de efeitos na subjetividade que seriam determinados pela constitucionalidade, pelos registros estruturantes da relação com o objeto primário, ou mesmo pela interação desses fatores.

De maneira bastante particular, Britton<sup>1</sup> concebe a inveja primária referida à posição depressiva, diferindo essencialmente da concepção original de Klein, que a considera eminentemente associada à posição esquizoparanoide. A fundamentação que apresenta parte da ideia de que a inveja emerge por uma conjunção de fatores: quando atestada a separação do *self* e do objeto e se inicia a diferenciação entre relação imaginária e relação experiencial; diante da constatação de que a fonte da vida encontra-se no outro e é anterior à existência do *self*; pela frustração do desejo em possuir a mesma natureza do objeto amado e por não contar com sua adoração recíproca; pela desilusão frente à averiguação de que o *self* idealizado não faz de ninguém o seu ideal do ego; e ainda, que *um outro* pode ser o ideal do ego em adoração mútua com o superego. Além da amplitude dessas considerações, destaca a idealização do *self* e do objeto como ponto importante na composição do complexo patológico e sua expressão na clínica, e isto principalmente quando a quota de hostilidade inata é poderosa. Confira-se, portanto, o valor que atribui à constituição, sobretudo quando expressa que “os analistas devem ter em mente: a pessoa afligida por uma natureza invejosa não é apenas um agressor em potencial; ela também é vítima de suas predisposições” (p. 197).

A criatividade e não a gratidão seria a força psicológica que contrabalança a inveja para Capper, inspirando-se em Bion. Enfatiza o caráter defensivo da inveja contra o narcisismo em perigo e valoriza a noção bioniana de que não seria a inveja que destrói vínculos, mas as defesas

contra ela que visam suprimir a experiência invejosa. Nesta direção, admite que a inveja tem lugar pela dificuldade em admitir o vínculo criativo entre o casal parental que, em última instância, representa o elo criativo entre bebê e seio, e isto acaba por destruir no próprio sujeito a capacidade de pensar e de criar, e assim, a capacidade do próprio ego se reparar. Relembremos que Klein, em seus trabalhos iniciais, já havia destacado a inveja estendendo-se do seio à relação do casal combinado em cópula oral, resultante da frustração dos anseios infantis de união narcísica e onipotente com o seio.

Ocupando-se mais detidamente da noção de gratidão e com relatos clínicos ilustrativos, O'Shaughnessy conclui que nada indicaria que a gratidão tem lugar após o advento da inveja. É ponto a ser refletido, não apenas pela anterioridade sugerida por Klein, como se a gratidão que teria mesmo o poder de mitigar o potencial destrutivo da inveja, questão que a autora levanta em concordância com Bion. Também é chamada a atenção para a condição de impermanência do objeto bom interno, explicitando ser ele vulnerável a ataques internos, a circunstâncias externas e também à passagem do tempo.

Recorrendo à articulação com a personagem Iago de Shakespeare, Sodré expõe visão pessoal em que considera que a inveja emerge quando ocorre o senso de separação entre o bebê e a mãe, e sobretudo afirma que o ciúme se encontra envolvido nos ataques invejosos inconscientes. Considerando a triangularidade pré-genital imposta pelos aspectos cindidos do objeto, o amado e o odiado, ela fundamenta sua posição e examina os vários triângulos possíveis na relação analítica. Contribuição muito importante para a especificidade de cada caso clínico, e que pode orientar sobremaneira a direção das interpretações.

Também a partir dos dilemas enfrentados na peça Otelo de Shakespeare, Brenman-Pick se detém nos *círculos viciosos* em que a inveja se une à culpa, como pode se unir à excitação e crueldade onipotentes. Para ela, inveja e ciúme se entrelaçam e se alimentam mutuamente, além de

considerar que a inveja exacerbada retroalimenta os sentimentos de privação. Aponta ser difícil a identificação de onde se iniciam os *círculos viciosos*, devido ao entrelaçamento entre inveja, culpa e ciúme. Ao destacar a importância de existir capacidade materna em suportar as propensões e projeções do infante, trabalhando as dificuldades que decorrem da inveja, ressalta que na relação analítica é demandada especial habilidade e manejo frente às reações terapêuticas negativas que emergem a partir da inveja da capacidade do analista em realizar trabalho psíquico.

Concordamos com Smith sobre o grande valor da noção de *círculos viciosos* descrita por Klein, pois integra aspectos essencialmente relevantes no processo implicado na inveja primária. O autor lamenta que a questão da punição se encontre implícita em todo o texto *Inveja e gratidão*, mas seja mencionada apenas ao final, quando se refere ao superego invejoso, sendo este responsável por perturbar e aniquilar todas as tentativas de reparar e criar, com exigências constantes e exorbitantes à gratidão do indivíduo. Feldman também destaca o superego invejoso em conexão com sentimento de culpa, de perseguição e necessidade de punição, sua ação implicando incremento da desvalorização do eu e instaurando um círculo vicioso nas tentativas de reparação.

Em visão particular, Steiner concebe a pulsão de morte como *instinto antívida*, sendo ódio e intolerância a todos os aspectos que apontam para a vida, particularmente a criatividade. Ressalta a intolerância no sujeito em receber o que é bom, pois é vivenciado como humilhação e consiste em repúdio à ligação criativa. Esta ideia é consonante com a noção bioniana de superego egodestrutivo, que ataca as ligações no mundo externo e qualquer ligação criativa que se estabeleça. Em ilustração clínica, ressaltou a relação sadomasoquista com um superego egodestrutivo invejoso contribuindo para a compulsão à repetição, num equilíbrio particular entre destrutividade e

amor, questão especialmente importante para a clínica. Destaca ainda que nas organizações narcísicas o paciente evita a inveja criando refúgio psíquico defensivo em relação à realidade das relações objetais.

Conferimos em Smith, Feldman e Steiner, além de Bion certamente, contribuições importantes para a noção do superego invejoso, pois integram aspectos na investigação da ação intrapsíquica do superego invejoso, seus reflexos na subjetividade e as importantes implicações na relação analítica. Um dos objetivos que tornaram a análise da atual coletânea especialmente atraente foi pesquisar se autores contemporâneos teriam se debruçado sobre o tema específico do superego invejoso, uma vez que Klein não o desenvolveu mais largamente em seu trabalho de 1957.

Na direção de Steiner, a criação de um universo romântico imutável é apontada por Weib como defesa para experiências de inveja e separação, um refúgio psíquico evitando o contato com a realidade e mantendo a destrutividade camuflada por meio de mecanismos narcísicos e perversos. Porém, quando ocorre o colapso da idealização, o objeto desejado torna-se cruel, podendo ocorrer submissão a ele e emergir intenso sofrimento. O autor adverte sobre a possibilidade de reação terapêutica negativa, assim como destaca que o enredamento idealização romântica/crueldade na relação analítica pode culminar em *enactment*. Uma ocorrência da mais alta relevância na relação analítica, que vem sendo estudada por vários autores contemporâneos.

Em alargamento da perspectiva kleiniana, Erlich examinou a distinção entre separação e unidade como duas dimensões experienciais, a última dizendo respeito à dimensão do *Being*, que não é experiência pulsional, mas necessária para sentir-se vivo e conectado. Ocupou-se também da relação entre prazer-amor-gratidão, os dois últimos sendo considerados como sentimentos de ordem superior, associados à integração pós-ambivalente da posição depressiva, destacando-os da pulsionalidade característica da inveja primária. Neste enfoque, visa acessar a dimensão

1 R. Britton: "Ele se sente lesado: a personalidade patologicamente invejosa".

da experiência subjetiva, o que é especialmente instigante para se refletir.

A importância de o analista se tornar um *objeto novo* para os pacientes com falha precoce no desenvolvimento, saindo do papel da transferência traumatizante, é destacada por Polmear, inspirada por concepções winnicottianas. Considera importante o analista não diluir a esperança do paciente em uma experiência diferente, que possibilite o desenvolvimento de um si-mesmo verdadeiro e fundamental. Além disto, considera que a abordagem da inveja e sua espoliação torna-se útil apenas quando o paciente tolera a existência separada da mãe/analista, para não ser vivida como intrusão ou afastamento forçado. São significativos esses cuidados e manejo terapêutico indicados, especialmente a noção do analista como *novo objeto* constituindo oportunidade de construção e mudança psíquica em torno da imago internalizada do objeto primário, e de como se cristalizou essa relação.

A relação analista-paciente face à inveja foi discutida por vários autores, com apontamento de importantes aspectos. Entre eles, a possibilidade de a parte invejosa do *self* cindir-se e separar-se da dupla analista-paciente, constituindo um terceiro invejoso que ataca o vínculo. Entre as defesas contra a inveja, Steiner apontou a impossibilidade em permitir que o objeto se mova da posição em que foi colocado pelo sujeito, atuando na transferência as angústias vividas na relação com o objeto original. Muitos ressaltaram ser longo e laborioso o trabalho em análise, até que a inveja primária possa ser acessada pelo paciente e trabalhada analiticamente.

De modo mais contundente, WeiB apontou serem demasiadas as dificuldades para modificar o processo narcísico destrutivo, podendo a intervenção analítica disparar rearranjos na estrutura narcísica, mas não alterando a qualidade do processo, a intensidade pulsional e a oposição

à mudança psíquica persistindo. De todo modo, ressaltou que as qualidades reais do analista interagem com as experiências iniciais com o objeto primário, o que faz com que o analista receptivo às experiências perturbadoras promovidas pela inveja possa promover algum progresso na análise. Deste modo, retoma parte das considerações de Klein ao findar seu trabalho *Inveja e gratidão*.

Deixamos para o final as colocações de Smith, pois com visão crítica considera não ser clara a dimensão da vida psíquica que Klein aborda em seu trabalho de 1957, por vezes sugerindo inveja e gratidão como conscientes, outras vezes a inveja inconsciente como profundamente defendida, e outras, ainda, entendendo a inveja como uma espécie de força metapsicológica derivada do instinto de morte. Em nosso entender, *Inveja e gratidão*, sendo texto-síntese do pensamento kleiniano que visa integrar noções e apresentar os desenvolvimentos atingidos ao longo de mais de três décadas, possui um inestimável caráter inovador do ponto de vista metapsicológico.

Entretanto, podem ter restado certas imprecisões ou mesmo alguma ambiguidade no texto kleiniano, aspectos conceituais que demandariam algum tempo para amadurecer e decantar para melhor consolidação. Não houve tempo para Klein, falecida em 1960, dedicar-se mais à lapidação do conceito. Assim, consideramos que ela deixou muitas sementes para serem amplamente desenvolvidas em torno da noção de inveja primária, assim como sua articulação com demais conceitos psicanalíticos. Permanece para os autores inspirados por suas ideias a importante tarefa de aprofundar, detalhar e fazer frutificar o que nos legou. A atual coletânea representa significativo avanço nessa direção, com contribuições valiosas que deverão inspirar novos desdobramentos, entre eles o aprofundamento da importante noção de superego invejoso, tema de especial interesse.